

21 AGO 1988

ANL P 2

JORNAL DO BRASIL

Virada faz nova Carta cair no gosto do povo

Villas-Bóas Corrêa

A Constituinte populariza-se, está dando uma virada reabilitadora na reta final das votações do segundo turno, depois de 19 meses de desgaste. A marcha batida da consolidação de todos os chamados avanços sociais emplacados no primeiro turno, explica, em certa medida, a mudança da imagem futura Constituição.

A Assembléia Nacional Constituinte instalou-se com o governo em baixa, na degringolada do cruzado. As esperanças renitentes transportaram-se para os amplos espaços do Congresso. Logo no começo, a bancada majoritária do PMDB ensaiou o modelo da Constituinte feita pelo povo, com a mobilização participante da sociedade. A esperta saída escapista da legenda do presidente Ulysses Guimarães cobria a retaguarda do partido mas, sem dúvida, atendia às exigências do plenário, cioso da sua autonomia.

O regimento interno, no texto do relator, senador Fernando Henrique Cardoso, consagrou a experiência inédita da Constituinte popular, elaborada a partir das reivindicações e propostas encaminhadas diretamente pelos seus representantes nas 24 sub-comissões, depois coordenadas pelas oito comissões temáticas.

A contradição, porém, era evidente. A jogada da popularização, bateu de frente com o perfil reconhecidamente conservador da Constituinte, desenhado pelos números de todas as avaliações das tendências do plenário, mesmo as mais isentas. Dos 559 constituintes, só 120 podiam ser etiquetados como progressistas de fé. O mais, com as suas muitas divisões, acomodou-se nos escaunhos conservadores. O desconto da cente-

na dos ausentes contumazes, dos deputados sem militância conhecida, denunciou o primeiro desfalque. Ainda assim, sobrava maioria.

A reviravolta do centrão, impondo a mudança do regimento em reação contra o anteprojeto da Comissão de Sistematização, restabeleceu o comando da maioria, parecendo exprimir o definitivo desequilíbrio da balança. A ilusão durou pouco. A unidade do bloco conservador logo desfez-se. Faltou liderança, sobraram incompatibilidades.

As desavenças alastraram-se, envolvendo o governo. As lideranças empresariais fizeram o resto, abrindo baterias contra a Constituinte, sem nenhuma sensibilidade para sua guinada popular. Confiaram nos lobbies, não acreditaram na opinião pública.

A desagregação, comendo dos dois lados, alcançou o seu ponto de ruptura no duelo oratório entre o presidente José Sarney e o superpresidente Ulysses Guimarães. Ali, as águas se dividiram.

O governo perdeu as condições de influir na Constituinte, ensarilhou armas, desistiu. O tom do discurso de Sarney, apoiando os cortes na proposta orçamentária de 89, soa com o timbre da retirada, do reconhecimento do fato consumado. O governo perdeu a Constituinte.

Mas então, quem ganhou? O outro lado vitorioso compõe um vasto buquê. Com muitos pingentes do êxito.

A virada, todavia, assinalava a popularização da Constituinte, sua reabilitação do fundo do poço. De tal jeito que não mais parece descabida a confessada ambição do doutor Ulysses de terminar as votações no menor prazo, a tempo de entregar ao seu PMDB esburacado, como bandeira de campanha — dessa campanha para as eleições municipais de 15 de novembro — a Constituição dos avanços sociais, do direito de greve irrestrito, dos direitos e garantias ampliados, da ampla liberdade sindical. A Constituição surpreendentemente popular que está sendo moldada pela Constituinte conservadora. E que, nesse andar, acaba mesmo caindo no gosto do povo.